

HÉCTOR LOZANO

QUANDO ÉRAMOS FILÓSOFOS

A história dos alunos de **MERLÍ**



 FARO
EDITORIAL

HÉCTOR _ LOZANO

QUANDO ÉRAMOS FILÓSOFOS — MERLÍ

A história dos alunos de Merlí

Tradução:

Monique _ D'Orazio

A partir da tradução do catalão de Josep Escarré



© HÉCTOR LOZANO, 2018
© LICENSE GIVEN BY COLUMNA, LLIBRES I COMUNICACIÓ, S.A.U. LICENSE
GIVEN BY CORPORACIÓ CATALANA DE MITJANS AUDIOVISUALS, S.A. BASED
ON THE SERIES MERLÍ, PRODUCED BY CORPORACIÓ CATALANA DE MITJANS
AUDIOVISUALS, S.A.
© CORPORACIÓ CATALANA DE MITJANS AUDIOVISUALS, S.A.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Preparação **TUCA FARIA**
Revisão **BARBARA PARENTE**
Design da capa © **PLANETA ART & DESIGN**
Design da contracapa © **JOSÉ LUIS PANIAGUA**
Foto de capa **MARCELO ISARRUALDE - CCMA**
Diagramação e adaptação de capa **OSMANE GARCIA FILHO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lozano, Héctor

Quando éramos filósofos / Héctor Lozano ; tradução
de Monique D'Orazio à partir da tradução do catalão de
Josep Escarré. — São Paulo : Faro Editorial, 2019.
288 p.

ISBN 978-85-9581-071-6

Título original: Quan eren els peripatetics

1. Literatura catalã 2. Televisão - Seriados 3. Filosofia -
Miscelânea I. Título II. D'Orazio, Monique III. Escarré,
Josep

19-0479

CDD 849.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura catalã 849.9



1ª edição brasileira: 2019
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868
www.faroeditorial.com.br



Para Mina Bergeron, De Bruno Bergeron

Mina,

Temos dezoito anos de diferença, irmãzinha, e quando começo a escrever, já tenho vinte e cinco. Se você está lendo esta carta é porque chegou à adolescência e, com certeza, tem milhões de medos, como eu tinha na sua idade.

Acabo de voltar de uma festa de ex-alunos da minha escola, o Instituto Angel Guimerá. Fazia muito tempo que eu não via os amigos com quem passei milhares de horas estudando, no ensino médio. Chego em casa chorando, porque me dou conta de que nada nunca mais voltará a ser como antes. As sensações dos primeiros amores nunca mais voltarão, nem a alegria de receber alunos novos, nem as corridas pelo corredor dos armários... Tudo isso só ficará na memória.

Naquela época, a amizade que tínhamos vinha em primeiro lugar. Depois, em casa, cada um de nós tinha sua história particular. Morro de vontade de te contar as minhas histórias e a dos meus amigos, porque todas têm um nome em comum: Merlí Bergeron.

Chegou o momento de você saber melhor quem foi nosso pai, que você nunca chegou a conhecer. Eu me propus a te escrever sobre ele. Você vai ter a oportunidade de sentir papai bem próximo, e verá que, para nós, ele era mais que um professor. Você conhecerá a história de Merlí e dos que foram seus alunos privilegiados: os peripatéticos.

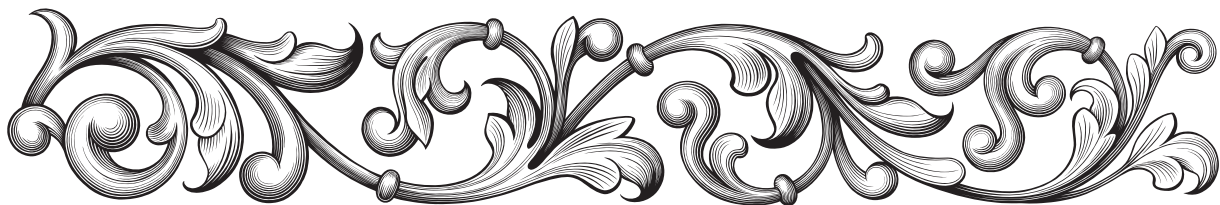
Vou te explicar o que significou para mim o tapa que ele me deu, os abraços, as discussões, os sorrisos, as lições de vida... inclusive, contarei sobre minha viagem a Roma e como senti falta dele, por mais que nossa relação tenha sido

complicada. O papai não era fácil, Mina, mas eu também não sou. Por acaso alguém pensa que a adolescência é fácil?

Aconteceu algo mágico quando éramos os peripatéticos. Vou te contar de uma forma simples:

Éramos como espadas cravadas em um paredão de pedra. E Merlí nos arrancou da pedra e abriu nossos olhos.

Está preparada para entender por que Merlí é o melhor professor do mundo?



OS PERIPATÉTICOS

Era para dar um tiro na cabeça. Lá estava eu, com dezesseis anos, quando, sem mais nem menos, sem aviso algum, no meio do ano letivo, vejo meu pai entrando na sala de aula com sua bolsa de professor. Ele deixou a bolsa em cima da mesa e assim, espontaneamente, se apresentou:

— Eu me chamo Merlí... E quero que vocês sintam tédio pela filosofia!

Fabuloso. Um tiro não seria suficiente. Eu queria que atexassem fogo em mim e jogassem minhas cinzas nos olhos do papai, e que em nenhum canto de Barcelona existisse colírio algum para aliviar o ardor. O que meu pai estava fazendo ali? Por que não me contara que seria o professor substituto de filosofia? Mas, bem... Pol, o *bad boy* mais desejado da escola, deu risada. E estava atrás de mim, irradiando seu encanto. Eu adorava tê-lo por perto. Ele nunca usava perfume como os outros garotos bonitos. Pol tinha seu aroma próprio.

— Marc já sai de casa com a barraca armada... — disparou Pol, e todo o mundo caiu na risada.

— Cala a boca, seu imbecil! — respondeu Marc.

Sim, cala a boca, Pol. Cala a boca, e que o mundo desapareça e eu possa comprovar se é verdade que você não usa cueca. Porém, no penúltimo ano do ensino médio eu continuava no armário, e essas coisas ficavam só no pensamento, porque eu não queria que meus colegas soubessem de nada. Ou será que eu contaria para minha amiga Tânia?

Merlí prosseguia...

— A filosofia serve para refletir sobre o ser humano e para questionar as coisas. Talvez seja por isso que queiram mandar a filosofia à merda; ela parece perigosa. E vocês estão adormecidos! Quero que estejam despertos ao que se passa ao seu redor. Que estejam preparados para aceitar as dúvidas e as contradições da vida e para aprender com as derrotas. Sei uma coisa ou outra sobre esse assunto. Ontem mesmo me despejaram do apartamento alugado onde eu morava, e agora tenho que viver com a minha mãe.

Quando saímos da classe, eu não conseguia acreditar. Parecia que todos tinham adorado o discurso chato de cinquentão perdedor do Merlí... Eu achava que ele havia procurado emprego na minha escola só pra me encher o saco. Como se não bastasse eu ser obrigado a morar com ele e minha avó, porque minha mãe acabara de se mudar para Roma, eu teria o meu pai no colégio o dia inteiro! Ele chegara no meio do ano letivo para substituir o professor anterior, que se aposentara. Depois daquela primeira aula, ele me pegou de canto no corredor e ficou todo filosófico dizendo que o destino nos unira, que ele estava nas listas da secretaria de educação e que, por uma casualidade pitagórica, saíra seu número... Casualidade? Existiam menos probabilidades de o pai da gente virar nosso professor do que de cair um satélite chinês na minha cama enquanto eu batia punheta.

Papai se fez de sentimental:

— Abandonei você e sua mãe quando você era pequeno. Errei. Você nunca erra? Quando soube que sua mãe ia embora para Roma, a trabalho, e eu ia ficar com você, eu me alegrei. Tenho muita vontade de viver com você, Bruno.

Já que ele sentia culpa por ter me abandonado, e sabendo que provavelmente passaríamos muitas horas juntos, ficou claro que eu teria que aproveitar a situação para ganhar alguma coisa:

— O celular que eu tenho é uma merda... — falei para Merlí com a intenção de que ele me comprasse outro.

Ele captou a indireta e me prometeu um celular novo. Celular novo, casa nova... Como tinha sido despejado por falta de pagamento, agora teríamos de ir viver com a vovó. Achei que ela pudesse servir de barreira entre mim e o papai.

Toni, diretor da escola, quis apresentar Merlí ao resto do corpo docente. Se dependesse de Merlí, ele faria as coisas do seu jeito e evitaria a sala dos professores como se fosse um campo minado. Eugeni Bosch, coordenador e professor de catalão, zombou dele:

— Você deve ser o novo Aristóteles. Tenha cuidado com Pol Rúbio, porque ele é um impertinente. Repetiu dois anos e passa o dia inteiro colado na boca da Berta Prats.

Merlí fingiu uma expressão de “Ah, que interessante!”, e se foi. Nisso dou razão a ele: a relação de Pol e Berta não me interessava. Berta era uma menina que parecia entediada com tudo, mas tinha o que eu mais desejava: ela estava pegando Pol. Porém, ela não se dava conta de que Pol só queria se divertir. Os dois eram o único casal do grupo. Os outros estavam mais ou

menos na mesma: Tânia gostava de Marc em segredo; basicamente, Marc e Gerard viviam com os hormônios a milhão, como todo o mundo; e Joan Capdevila gastava o dia inteiro passando anotações a limpo e falando com admiração sobre o jeito de Merlí dar aula. Quando estávamos todos no pátio, na hora do intervalo, ao ver que o novo professor de filosofia tinha boa aceitação, resolvi que era melhor falar que Merlí era meu pai. Na classe, ele também fingira não me conhecer, e eu era grato por isso.

— Mas você não tinha pai — replicou Berta, achando aquilo estranho.

— Claro que tenho pai, idiota!

— Cara, ele teria falado na aula. Merlí Berrrgeron! — disse Marc, prolongando os erres, imitando o sotaque francês.

Não insisti. Voltei para casa arrastando os pés, e ali encontrei a louca da minha avó me esperando. Viver com ela me provocava uma mistura de alegria e preguiça. Ela sabia ser chata, como todas as avós, mas também era uma mulher interessante: atriz famosa, atuara inclusive na América do Sul. A Colômbia, o Chile e a Argentina eram apaixonados por ela, que se vestia com um toque elegante e afrancesado. Era divertida... pelo menos me fazia rir um pouco.

— Hoje me disseram que sou uma das melhores atrizes do país — comentou a vovó. — Mas eu me pergunto: quem são as outras? — E deu um gole em seu copo de licor *limoncello*.

Carmina Calduch fazia tudo de forma teatral e excessiva. Dá para entender por que ela era a mãe de Merlí? Filho de peixe, peixinho é.

Meu quarto ainda não era “um caos organizado”, como sempre dizia o papai. Minhas coisas estavam no seu devido lugar; se bem que, quando entrei, tive de afastar de lado um manequim com o figurino do novo espetáculo que a vovó vinha ensaiando. Aquele ainda era o cômodo onde ela guardava objetos e figurinos de teatro, portanto eu tinha que dividir o espaço com relíquias teatrais. Larguei o corpo na cama com roupa e tudo e adormeci. Novidades e estresse demais. Dormi dez horas seguidas... até que o papai me acordou.

Prestes a começar um novo dia na escola, aproveitei para pedir duas coisas ao papai: que contasse a todos que eu era filho dele, e assim tiraríamos essa revelação do caminho — afinal, a classe acabaria sabendo de uma forma ou de outra —, e que não contasse a ninguém que eu fazia aula de dança. Eu não queria que ninguém relacionasse esse fato a minha orientação sexual

secreta. Papai não concordava que eu escondesse ser gay, mas se comportou. Não disse nada a ninguém sobre a dança e, quando entrou na classe, escreveu BERGERON na lousa. A turma toda compreendeu que ele era meu pai. O pessoal surtou bastante e surtou ainda mais quando ele disse que, como não queria ficar fechado dentro da sala de aula, ia nos levar para um passeio. “Lá vamos nós!”, pensei, resignado. Um pouco desconcertados, nós o seguimos, e eu fui repetindo em silêncio: “Pai, por favor, não faça piadinhas sexuais”. Ele nos levou até a cozinha do colégio, e ali nos explicou quem foram os peripatéticos: os alunos da escola aristotélica que filosofavam enquanto caminhavam. Isso aconteceu em torno de 335 a.C.

— Caminhem e reflitam! A partir de agora, esta vai ser a classe dos peripatéticos!

— Merlí... — interveio, de repente, o engraçadinho do Pol. — Você disse que a filosofia serve para colocarmos em dúvida o que sabemos... e acho que todo o mundo pode fazer isso, mas nem todos querem fazê-lo.

— Você acaba de se tornar meu aluno preferido — sentenciou Merlí, satisfeito.

O que Merlí não imaginava era que havia outro aluno que acabaria sendo não só um de seus favoritos, mas também um amigo: Ivan Blasco, que não ia à escola fazia dois meses. Na classe, Merlí notou uma mesa vazia — era a do Ivan, que num belo dia decidiu não ir mais para a aula. Ele não gostava de ser considerado “o esquisito”. Sim, em alguns aspectos, Ivan era diferente de nós, mas... quem não é diferente? Por acaso todos têm que ser iguais? A gente sabe que, às vezes, quem sai um pouco do “normal” não é aceito dentro do grupo. Ivan falava pouco, lia os jornais pela internet e tomava iogurte no intervalo. Ninguém o entendia. Assim, a turma acabou por isolá-lo. As pessoas riam perto dele, e ninguém se aproximava... Ivan foi se fechando em si mesmo por causa do *bullying* “sutil” que todos faziam. Merlí perguntou de Ivan para Toni, que explicou que Ivan tinha sido diagnosticado com um princípio de agorafobia. Assim, não saía de casa, tinha crises de ansiedade, e o Eugeni acabou se oferecendo como voluntário para dar aulas particulares na casa dele. Ao ouvir isso, papai ficou louco.

— Como você pode permitir que o medíocre do Eugeni entre na casa de um agorafóbico? É crueldade, é... Parece algo saído de um livro do Dickens!

Toni não gostou nada dessa intromissão. Como diretor, ele desempenhava um papel de conciliador, mas Merlí o irritou, e Toni deixou claríssimo que já tomara a decisão sobre quem ficaria encarregado do menino:

— Eugeni vai ser o professor de reforço do Ivan, e ponto-final.

E ponto-final? Ninguém dizia “ponto-final” para Merlí Bergeron sem que ele arrancasse aquele ponto com as próprias mãos e o esmigalhasse com a mente até fazê-lo desaparecer. A prova disso foi que, duas horas mais tarde, ele se apresentou sem aviso na casa do Ivan. Ao chegar, Merlí se deparou com Miriam, mãe do Ivan, batendo ansiosamente na porta. Ivan tinha se trancado por dentro. Mostrando-se calmo, Merlí garantiu que cuidaria dele. Merlí não fingiu ser o Eugeni; ele simplesmente disse que ocorrera uma confusão na escola e que ele é que daria as aulas particulares. Miriam então se foi, mais ou menos tranquila.

— Ivan, eu sei que você está escutando do outro lado. A partir de agora, sou seu professor particular. Pode me deixar entrar?

Como só obtive silêncio como resposta, Merlí sentou-se no chão do hall e ficou esperando... e esperando... E foi contando para Ivan tudo o que lhe vinha à cabeça. E qual é a primeira coisa que vem à mente de um professor de filosofia? Filosofadas...

— Quando Diógenes era escravo, o dono dele perguntou: “O que você sabe fazer de melhor?”. Ele respondeu: “Eu sei mandar, e ordeno que me liberte”. Então, o dono lhe concedeu a liberdade e o fez tutor dos seus filhos.

Houve mais um longo período de silêncio. De repente, Merlí decidiu dizer que, se Ivan não abrisse a porta para ele, no dia seguinte seria Eugeni Bosch quem viria. Em segundos, Merlí ouviu ruídos na fechadura. Ele notava que o garoto abria a porta muito devagar, com medo, apenas alguns centímetros, o mínimo para que Merlí conseguisse ver um olhar perdido, uma cicatriz que cruzava a lateral do rosto moreno e um cabelo meio comprido e sujo que cobria os olhos: os olhos do Ivan, o peripatético que faltava.

Tânia era a única que parecia se preocupar um pouco comigo enquanto eu remoía a situação. Naquela tarde, ela veio em casa e provou alguns dos vestidos de personagens interpretados pela minha avó. Tânia se imaginava com aqueles vestidos, representando uma peça no palco com Marc, que fazia aulas extracurriculares de teatro. Ela estava ficando com tesão.

— Ai... hoje à noite, antes de dormir, vou transar com o Vilaseca em pensamento.

— Eu bato uma todos os dias.

Isso a fez pensar.

— Cara... por que os homens podem falar de masturbação na frente de todos, mas nós, mulheres, somos tão discretas?

Tânia estava certa. Os caras são quase primitivos nesse assunto, especialmente Marc, que gosta de chamar atenção... e a gente fala abertamente

sobre punheta, não importa quem esteja ouvindo. Já a masturbação feminina é uma espécie de tabu, e não deveria ser!

— O importante é que a gente se masturbe sempre e quando quiser — acrescentou ela.

— Não, não, importante é você transar com o Marc...

— Beleza. Eu com o Marc... E você com quem? Bruno, você está a fim de alguém, sou capaz de jurar...

Eu estava a fim de alguém? Era mais que isso: tinha alguém que me deixava louco. Putz... eu desejava Pol como nunca desejara nada neste mundo, mesmo sabendo que Pol era hétero. E naquela época, ainda por cima, minha mente era um caos insuportável. Eu estava dentro do armário, por isso, nas conversas entre amigos, sempre fingia ser hétero. Tinha tanto medo de que as pessoas soubessem da minha orientação... Ivan fora marginalizado só por ser um pouco diferente. Ninguém falava com ele, e todos o excluía... O que poderia acontecer comigo? Todas essas baboseiras de estarmos no século XXI e a homossexualidade ser aceita não me serviam. Por mais que as leis estejam a favor dos gays em alguns países, ainda existe discriminação.

Suspirei fundo, e por causa disso Tânia entendeu que sim, eu estava fissurado em alguém.

— Eu sabia! Quem é???

— Não vou te falar.

— Seu chato! — E Tânia começou a me bater com o travesseiro.

Eu gostava de ficar perto dela. Tânia era espontânea, sincera, transparente... A melhor amiga que já tive na vida. Naquele dia, não contei que eu gostava do Pol, mas fiquei um pouco mais aliviado por assumir que meu coração suspirava por alguém.

Eu já estava deitado quando Merlí chegou com o celular novo, comprado numa loja de chineses, já que estávamos naquela situação.

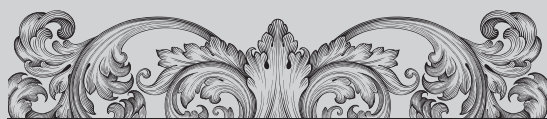
— Pai... tenho medo do que você pode chegar a fazer na classe. Reconheça, você não é fácil.

— Sim... eu não sou fácil — admitiu. — Mas difícil mesmo é o mundo em que você vive, filho. Quero que você seja crítico com o que existe à sua volta. Não acredito que os adolescentes só tenham duas coisas na cabeça: sexo e vontade de se embriagar. Vocês também têm medos, não têm? Desejem experimentar coisas novas, mas ao mesmo tempo se acovardam. Talvez um dia você se apaixone e não seja correspondido. A vida é assim. Nem

sempre a gente gosta de quem gosta da gente. Você tem razão, Bruno, seu pai não é fácil, mas sou o melhor professor que você já teve. E, com o tempo, você vai se dar conta de que eu tenho razão.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA KUNST EM MARÇO DE 2019